

**MAYER, Marc; MIRÓ, Mònica; VELAZA, Javier. *Litterae in titulis, tituli in litteris. Elements per a l'estudi de la interacció entre Epigrafia i Literatura en el món romà*. Barcelona, Edicions Universitat de Barcelona, 1998. 104p.**

**Resenhado por: Pedro Paulo A. Funari**

O Departamento de Filologia Latina da Universidade de Barcelona, preocupado com a publicação de obras de caráter didático, produziu um manual, para uso em sala de aula, sobre um tema eminentemente interdisciplinar: a Epigrafia. Já na Introdução, os autores esclarecem que esse volume serve ao aprendizado e à reflexão interdisciplinares sobre “aspectos literários, lingüísticos, históricos, antropológicos e arqueológicos”, partindo da constatação que o epigrafista deve ser, a um só tempo, arqueólogo, historiador, filólogo e paleógrafo (p.7). O volume dirige-se, pois, a um amplo espectro de estudiosos interessados nas inscrições latinas e no seu uso para compreender os mais variados aspectos da cultura romana. O livro começa com um capítulo de informações genéricas sobre o tema (*Generalitats*, p.13-21), esclarecendo que, em sentido amplo, todos os textos epigráficos são literários, de diferentes gêneros, alguns mais técnicos e utilitários, mas todos, de uma forma ou de outra, preocupam-se com a forma de expressão. Mencionam-se os *corpora* elaborados, desde o século XIX, como o *Corpus Inscriptionum Latinarum* e os *Carmina Latina Epigraphica*, publicados ambos na Alemanha; este último em edição de 1895, suplementada em 1926, pelo que não há uma compilação atualizada disponível com as inscrições publicadas nestes últimos oitenta anos. De um total de cerca de 300.000 inscrições latinas, apenas 2% (6.000) são métricas, mas os autores não se limitam a essas e incluem, em seu campo de interesse, a prosa técnica, jurídica, entre outras, além dos tradicionais *loci similes aut paralleli*. Cada capítulo conclui-se com *Atividades* a serem exploradas pelos estudantes, notas e bibliografia. As atividades extrapolam o texto, impulsionando o leitor à pesquisa e à reflexão, como é o caso da primeira, que sugere “refletir sobre o conceito de *literacy* e fazer uma comparação com seus possíveis correlatos no mundo moderno” (p.19).

O primeiro capítulo, *Litterae in titulis: la literatura a l'epigrafia* (p.24-65), trata da presença da Literatura na Epigrafia, destacando a literatura transmitida exclusivamente nas inscrições, tanto em verso como em prosa (p. 24-39). Os versos epigráficos são exemplos do que “poderia ser uma rica poesia popular de ocasião, com alto grau de oralidade” (p. 28), pouco conhecida de outra maneira. A Literatura em prosa compreende textos famosos, como *Res Gestae*, *Tabulae Claudianae*, *Edictum de Praetiis*, *Senatusconsultum de Bacchanalibus*, leis municipais, *lex Vrsonensis*, *Lex Coloniae Genitivae Iuliae*, e a genérica *lex Iulia Municipalis*, para citar alguns exemplos. Apresentam-se diversos fragmentos, enfatizando-se o caráter original, não mediado pela tradição manuscrita dos textos, de documentos, com sua grafia inconstante e traços dialetais. A Literatura Jurídica Epigráfica, em particular, fornece “uma série de dados que, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, são muito mais ricos do que os transmitidos pelas fontes tradicionais” (p. 37). Na Segunda parte do capítulo, estudam-se as técnicas de composição, em particular como forma de expressão da cultura popular, no contexto da perda do sentido de quantidade das sílabas já no primeiro século d.C.. Assim, a presença da métrica remete, antes, a uma cultura popular escolar do que ao uso cotidiano dos parâmetros eruditos (p. 47), à diferença da invectiva, de caráter obsceno e oral. Em seguida, explora-se a relação forma-conteúdo, ressaltando a importância do caráter visual da inscrição, como no caso dos *carmina figurata*, lembrando que apenas muitos séculos

depois, em 1955, “os membros do grupo brasileiro Noigambres (D. Pignatari, A. de Campos e H. de Campos)” fariam algo semelhante, denominando sua arte “poesia concreta” (p. 59).

O Segundo Capítulo, *Tituli in litteris: l'epigrafia a la literatura* (p. 67-85), trata das referências a inscrições, nos autores antigos, que chegaram até nós. Parte-se da constatação fundamental que a escrita era onipresente no mundo romano (p. 67) e recorda-se, a título de exemplo, que Cícero cita 66 inscrições e Suetônio, outras 40. Há inscrições que só sobreviveram em transcrições, como é o caso do *Testamentum Galli Lingonis* - testamento de um cidadão romano -, transcrição relativa a seu sepulcro, conservada apenas em um manuscrito do século X, em Basiléia. Há, ainda, diversos casos de dupla transmissão, direta, na Epigrafia, e indireta, em autores clássicos, diversos deles apresentados neste capítulo, sendo especialmente clara a comparação entre as *Res Gestae Divi Augusti* e Tácito (I, 9-10). Citam-se, também, diversas criações literárias eruditas à maneira de uma inscrição, como a imitação de uma *defixio*, por Ovídio e, em particular, os versos de tipo sepulcral, como é o caso de Horácio (Sat. I, 8, 10-13): *mille pedes in fronte, trecentos cippus in agrum/hic dabat: heredes monumentum ne sequeretur*.

O livro conclui com um anexo sobre o uso da Epigrafia como documento para a História da Literatura, pois há inscrições que se referem a autores, como é o caso mais notável de Suetônio, que considerava, pela informação da tradição literária, ter sido um gramático dedicado ao ensino da Literatura. De fato, em seu *cursus honorum* epigráfico, soube-se que havia sido *a studiis, a bybliothecis, ab epistulis Imperatoris Caesaris Traiani Hadriani Augusti*. Outros diversos exemplos são citados.

Esse volume apresenta um manancial bastante variado de documentos de forma original e criativa. Ao considerar que todo texto escrito pode ser encarado como pertence a um gênero literário, os autores, de forma incomum, souberam dar conta de um universo documental que abrange de insultos à poesia métrica mais elaborada. Além disso, o destaque dado aos aspectos históricos, antropológicos e culturais, em um sentido amplo, tornam sua leitura útil não apenas para os estudiosos da língua latina. Nesse sentido, os autores, talvez para não aumentar muito o número de páginas, optaram por não traduzir as inscrições, por vezes longas e fragmentadas. Seria, contudo, muito mais prático incluir traduções que permitissem que um público culto mais amplo pudesse tomar contato com o tema. Além disso, a ausência de comentários filológicos mais detalhados dificulta, mesmo ao estudante de latim, entender diversas inscrições, como mostra o exemplo: CIL IV, 2400, transcrito como *Satur, noli cunnum lingere extra porta, set intra porta. Rogat te arpograt, ut sibi lingas mentula, at fellator quid*. Há diversas palavras poucos usuais (*lingere, cunnum, mentula*), há grafias irregulares (*set*, por *sed*) e, ainda, pode-se observar no apógrafo do CIL que ali lemos *lingeas mentulam*. Naturalmente, notas e traduções permitiriam que um público menos restrito pudesse usufruir das inscrições. De qualquer forma, a publicação de manuais aprofundados como esse é imprescindível para que se possa dispor de material didático que forneça elementos para uma abordagem ampla e abrangente do mundo romano. Como uma civilização tão imbricada nas letras, o estudo da antiguidade romana só tem a ganhar com uma introdução problematizadora como esse compêndio da Universidade de Barcelona, original, instrutivo e interdisciplinar, méritos pouco comuns em qualquer obra e tanto mais importantes em uma introdução.